

O GOVERNO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO ANALISADO ATRAVÉS DAS CHARGES

Marilce Aparecida Sanches Reis

Orientador: Alberto Gawryszewski - UEL

RESUMO

O trabalho com charges no ensino de História tem contribuído de forma significativa para o aprendizado do aluno no que se refere ao período mais recente da História do Brasil. Dentro das várias categorias, as charges políticas tem se destacado como expressão de denúncia, crítica, ironia e outras formas de denúncia da situação atual da política brasileira. Partindo desse viés, optou-se por trabalhar com chargista em especial, Angeli por oferecer grande possibilidade de discussão e aprendizado ao aluno no que diz respeito à tendência marcante do governo FHC e ainda um debate. O presente trabalho pretende estimular os alunos a entender as imagens como fontes históricas e delas extrair informações devendo compreender as imagens divididas em duas categorias: imagens criadas no período histórico estudado e imagens criadas depois da época estudada. As charges podem ser utilizadas dentro dos três grandes grupos de saberes que identificam e organizam os diferentes campos de estudo das áreas de conhecimento

PALAVRAS CHAVE: Imagem. Governo FHC. Charge Política. Leitura.

ABSTRACT

The work with charges in the teaching of History has been contributing in a significant way to the student's learning and it refers to the most recent period of the History of Brazil. Inside of the several categories, the political charges has if outstanding as accusation expression, critic, irony and other forms of accusation of the current situation of the Brazilian politics. Leaving of that inclination, she opted to work especially with chargista, Angeli for offering great discussion possibility and learning to the student in what concerns the government's outstanding tendency FHC and still a debate. The present work intends to stimulate the students to understand the images as historical sources and of them to extract information should understand the images divided in two categories: images created in the studied historical period and images created after the studied time. The charges can be used inside of the three great groups of you know that identify and they organize the different fields of study of the knowledge areas

KEY WORDS: Image. Government FHC. Politic Charge. Reading.

INTRODUÇÃO

Assiste-se, em nível de formação inicial, a um crescente interesse pela dimensão da prática pedagógica. Considerada como um meio que tende a orientar a ação, com vista ao desenvolvimento pessoal e profissional do professor, procurando um isomorfismo entre o tipo de

formação recebida pelo futuro educador e o tipo de educação que ele será em seguida levado a dar aos seus alunos.

A observação e a recolha de dados são expandidas de forma a ter o maior número de dados recolhidos por uma variedade de fontes. No processo de análise todos os elementos da situação devem ser tomados em conta e interpretados; a individualidade do professor, a opinião dos alunos, o ambiente físico, o contexto e outros elementos presentes na situação.

A este propósito, problematizando o impacto das teorias atuais da aprendizagem e do ensino. Tal como é impossível aos professores derramar o seu saber para dentro das cabeças dos alunos, identificar problemas, focalizá-los, encontrar causas ou estabelecer relações causais e procurar formas de resolução possíveis e adequadas à situação contextual, numa tentativa de cooperar no desenvolvimento das competências profissionais do professor.

A proposta da utilização da charge vem para conseguir unir conceitos, conteúdos e normas ao conhecimento de mundo do discente, para que dessa forma o aprendiz não seja passageiro, que se mantenha e evolua conforme as novas informações, que o aluno for recebendo ao longo de sua formação acadêmica.

A utilização da charge para fins pedagógicos vai depender do conteúdo a que se destina e principalmente do professor que conduz tal aula, pois o bom senso deve permanecer, isto é, existem ótimos materiais a serem trabalhados. A questão em si, é que, a charge deve ter uma ligação direta com a disciplina que está sendo lecionada no momento, não se desviando do assunto em foco, isto é, o professor como orientador, deve ter objetivos pedagógicos em relação à escolha do material a ser trabalhado, para que este não se perca durante o processo de compreensão e de interpretação da mesma, e consiga trocar informações sobre o conteúdo que está sendo passado.

Este trabalho tem por objeto e estudo da charge política, que são veiculadas com maior frequência nas páginas de opinião e de política onde são representadas figuras da esfera pública e também

privada, construindo a imagem e através dela muitos deixam suas marcas focando o riso.

Ao estudar o riso, BERGSON (1987; 22) analisa que 'A arte do caricaturista consiste em captar um pormenor, às vezes imperceptível, e torná-lo evidente a todos através da ampliação de suas dimensões'. PROPP (1992;89) avalia que a definição de Bérqson é muito restrita e que ' No sentido mais amplo, tal procedimento, como a representação de uma pessoa através de um animal ou de uma coisa, a respeito do que já tratamos antes, e também todos os tipos de paródia podem ser enquadrados no domínio da caricatura'. Para ele (1992;89) 'A caricatura sempre deforma um pouco (e as vezes de modo substancial) o que é representado' (NERY, 1998; 8)

O riso sempre esteve presente ao longo da História da Humanidade, porém visto de maneiras diferentes em cada época. Se na Antiguidade era utilizado para fazer suportar os revezes dos rituais religiosos e oficiais, na Idade Média, incorporou-se à cultura popular, provocando a sublime magia da liberdade. Na Modernidade, o riso tornou-se zombeteiro, irônico, sarcástico, um riso de protesto, de contestação do poder.

Na Contemporaneidade, o riso dominou espaços públicos e se fez presente na imprensa, sobretudo nas charges. Os ironistas, nos jornais, fazem provocações, dão voz a quem não tem, e garantem algum espaço de liberdade de expressão,

Pela necessidade de suprir a dificuldade na leitura de imagens presentes no cotidiano escolar, a charge política, envolta em ironia que leva ao riso, nos leva com sua contribuição, ao entendimento, pois exageram características, traços físicos ou ideológicos das personalidades popularizadas pelas mesmas.

Na charge, o humor apresenta um caráter de sensibilidade e inteligência, utilizando uma linguagem artística que expressa gráfica e pictoricamente idéias, sentimentos e informações com delimitações espaços-temporais, que levam o receptor a uma reflexão sobre o assunto

tematizado. Devido ao fato de a charge ter um poder de comunicação mais eficaz, com maior rapidez do que o texto verbal escrito, transmitindo múltiplas informações de forma condensada, vai ao encontro do tipo de leitura apreciado pelo jovem atual.

Paulo Freire já recomendava: “O professor tem que ouvir os alunos” Prestar atenção ao que ele diz, o que quer saber e com isso também é responsável a colocar o aluno a observar a realidade e ir em busca de conhecimento, pela pesquisa, pelo envolvimento, se pretende pela Metodologia da Problematização provocar um envolvimento gradativo do aluno com o campo político brasileiro através do uso da charge e sua análise pois: “O aluno só aprende quando se envolve profundamente com a situação” (FREIRE;1993)

Como a vida atual está em constante renovação tecnológica a área da educação tem que acompanhar as alterações, desde que resultem em práticas renovadas, aulas mais dinâmicas, utilizando recursos (charges, filmes, fotografias, integração entre as disciplinas) e tecnologias (vídeos, retro-projetor, computador, INTERNET, televisão), não se esquecendo do bom e velho e bom livro da biblioteca, jornais diários, revistas semanais, etc., buscando sempre a possibilidade da utilização em sala de aula.

Atualmente os professores estão enfrentando dificuldades para trabalhar o ensino de História de forma atrativa e motivadora, pela falta de interesse apresentado pelos alunos, nos levando a seguinte problematização: Como transformar o trabalho com a charge no elemento pedagógico desencadeador do interesse do educando na pesquisa, na investigação, através do acesso à informação tendo prazer de transformá-la em conhecimento, tornando-se sujeito ativo, na construção de sua história e da história de seu país?

As charges não são meramente ilustrativas, você deve mostrar ao aluno como ele através das imagens pode focar o cotidiano e também grandes fatos como mudanças políticas, reformas urbanas, acidentes de grandes proporções, por isso, as charges acabam por constituir uma grande fonte de pesquisa para historiadores especializados

e aos olhos dos alunos uma forma de contato com o conhecimento histórico voltado para o lúdico, porém problematizador.

Como analisar um período político através da charge já que ela tem caráter perecível? Como se dá a cumplicidade entre a charge e seus leitores? Quais seriam os detalhes evidenciados, ampliados e as deformações focadas que fazem parte da imagem, “marca”, das personalidades públicas? Todos os questionamentos levam a fortalecer a importância de colocar o indivíduo no centro de seu aprendizado provocando-o a estabelecer uma relação crítica com a charge e seus personagens.

Temos que potencializar a “leitura do mundo” utilizando diversos tipos de códigos: o visual, o verbal e o não verbal no espaço escolar que ainda se dá o aprendizado quase que exclusivamente no verbal.

“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar o pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (DIRETRIZES)

Na era da mundialização, da difusão do culto à globalização, o nacionalismo aparece como um valor ultrapassado e, muitas vezes, conservador e limitador da modernização. A política das privatizações, a desnacionalização da economia em seus diversos setores, incluindo os considerados à base da riqueza nacional que envolve, por exemplo, os confrontos em torno da Cia. Vale do Rio Doce ou da Petrobrás, evidenciam o ideário nacionalista e o objetivo da História escolar tem sido o de entender as organizações das sociedades em seus processos de mudanças e permanências ao longo do tempo e nesse processo, emerge o homem político, o agente de transformação entendido não somente como um indivíduo, mas também como sujeito coletivo: uma sociedade, um Estado, uma nação, um povo.

A professora Marlene Cainelli preocupada com o ensino de

História para as crianças de faixa etária dos anos iniciais do ensino fundamental, onde podemos também ampliar para o Ensino Médio e os adolescentes, observa sempre que os alunos possuem um conceito de *causalidade narrativa* que pode ser aproveitado no seu desenvolvimento, de forma incipiente, das noções de passado e presente (CAINELLI, 2006: 59). O interesse pelo conhecimento histórico deve ser estimulado por *objeto do passado* (CAINELLI, 2006: 60). Este expediente estabelece um objeto mediador entre as crianças e algum conteúdo do conhecimento histórico. O professor é o sujeito mediador. A ele cabe fazer aproximações e distanciamentos do objeto mediador.

Tudo muda, a cada momento, no mundo contemporâneo, os avanços tecnológicos foram constantes na História da Humanidade. Hoje podemos viajar muito, tirar muitas fotografias sem ver o Mundo, é a cegueira contemporânea.

Depois de tanta mudança mostrada nos cinemas, nos livros, na arquitetura, o homem com base nessa modernidade, se questionado sobre se conseguiu se aprofundar na consciência de si mesmo e do outro irá responder que precisa aprender a ver, a as armas para enfrentar esse desafio é aprender a pensar, problematizar a realidade que nos cerca. O que é pensar? É combinar idéias, é refletir sobre, julgar, supor, raciocinar, enfim ter opinião sobre.

Dentro desta perspectiva, este artigo procura avançar na prática de experiências de ensino de História através do uso de charge como elemento mediador do conhecimento.

Elegemos também conteúdo relacionado à História do Brasil, atento às preocupações presentes nas Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica. O GOVERNO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO ANALISADO ATRAVÉS DAS CHARGES – procura desenvolver recortes de momentos da História do Brasil tendo como horizonte “compreender fenômenos de amplo efeito sobre diferentes recortes sincrônicos, diacrônicos, permanências e continuidades, a partir de movimentos de inter-relações” (PARANÁ, 2006: 31).

Para problematizar, o primeiro passo é conhecer o período. O

conhecimento formal é feito a partir com a construção e desconstrução de conceitos experiências trazidos pelo aluno.

Neste processo de construção/desconstrução é feito o uso de objetos mediadores do conhecimento: “a ação mediadora do professor, da linguagem, dos signos e de ferramentas culturais” (CASTRO SIMAN, 2004: 82).

Partindo desse conhecimento prévio Cainelli e Schimidt nos lembram que:

“lidamos diretamente com a construção e elaboração de imagens e palavras. Neste aspecto a compreensão dos sentidos e das palavras é de fundamental importância.” E, que, citando VYGOTSKY “a formação do pensamento e da linguagem da criança afirma que o *significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento*”. (...) “Quando uma palavra adquiriu o significado pode ser aplicada em outras situações é a aplicação de um conceito a novas situações concretas, é um tipo de transferência”. (CAINELLI e SCHIMIDT, 1999: 427).

Como desenvolver o ensino / conhecimento de História no Ensino Médio? Desde já acreditamos ser possível esta operação de conhecimento. Para tanto devemos considerar alguns pressupostos como: “**a**) a experiência, representações e modos de pensar do aluno; **b**) como é produzido o conhecimento; **c**) objetos mediadores do conhecimento e estímulo dialógico” (CASTRO SIMAN, 2004: 83-85).

O objeto de estudo selecionado por este plano de trabalho é o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e procurou analisar temas, figuras e linguagem presentes nas Charges publicadas no período de 1999 a 2002, do chargista Angeli.

A CHARGE

A charge é alvo de estudo por trazer em uma análise superficial a história, por ser ela o local escolhido da ironia, metáfora

(transferência), pelo contexto e pelo sujeito. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na rede mundial de computadores (INTERNET), portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa e por ela constatar a presença da linguagem da história foco do primeiro passo a ser realizado com os alunos.

Há algum tempo era comum o professor tratar o aluno como um recipiente vazio, ou seja, apto para ser recheado com conceitos, normas, e informações que ali se depositaria. A realidade de cada aprendiz, suas informações sobre vários aspectos de sua vida, de seus amigos, de suas emoções, suas experiências, de notícias assimiladas, eram sempre minimizadas, não tinham importância. O que induzia ao aprendizado mecânico, por meio de repetições, que não faziam sentido para o aluno e que, por este motivo, tais informações eram esquecidas.

A escola deve, portanto, atentar para o seu papel de formadora de leitores, não só preparando o aluno para a leitura de textos literários, mas também para a diversidade textual que permeia o cotidiano do aluno, incluindo o texto chágico, como uma das formas de desenvolvimento da leitura diferenciada, através da compreensão de pressupostos e subentendidos presentes nos textos verbais e não-verbais.

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentido. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permitem que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 2005: 26)

Assim como outros métodos lúdicos mais informativos e muito proveitosos, diferente das famosas músicas inventadas pelos professores para a memorização de um conteúdo desejado, ou ainda aos jogos e as dinâmicas, a charge é aquela que une a imagem ao texto e às normas, fazendo com que provoca no aluno a vontade de entender o contexto, não tendo que decorar ou repetir as normas e os padrões que estão sendo ensinados, apesar de não ser uma forma de ensino tão fácil

para o professor.

A escolha da charge deve ser como um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação de virtudes sociais e individuais, valores que podem ser discutidos, mesmo que por meio de ironias e crítica.

A charge tem um grande aproveitamento, pois faz com que o interesse pelo conteúdo que está sendo passado aumente. Dessa forma o professor encontra mais facilidade de atuar com os alunos, pois várias questões serão levantadas e colocadas em debate, dinamizando a aula.

Pretende-se com essa proposta fazer olhar com novos olhos para o texto não verbal (charge) visando trazer benefícios e a construção de novas perspectivas de leitura e interpretação. Além de manter contato entre assuntos/disciplinas, a charge reaviva a memória e a história. As charges têm esse recurso de fazer um “chamamento” a outros fatos, acontecimentos ou outros textos. Ao mesmo tempo está se lendo algo atual e produto do passado. Algo que pode plantar novas informações conhecidas. Quando se trabalha com a charge, deve-se dar destaque a este ponto e outros a serem levantados em parceria com o educando.

Explicar que termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar) e fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico implícito nesse trabalho o Segundo Governo de FHC.

Segundo Rabaça e Barbosa, a charge é um tipo de Cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (RABAÇA e BARBOSA, 1978: 89) De acordo com os autores do Dicionário de comunicação, uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centradas a atenção e o interesse do público leitor. RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. Dicionário de Comunicação. (CODECRI, 1978).

A construção da charge é também muitas vezes baseada na remissão a outros textos verbais ou não. O que a torna singular é o modo

perspicaz como demonstra sua capacidade de congrega, num jogo de polifonia e ambivalência, o verso e o reverso tematizado. Dessa maneira, o chargista – por meio do desenho e da língua – utiliza o humor para buscar o que está por trás dos fatos e personagens de que se trata. Ele afirma e nega ao mesmo tempo, obrigando o leitor a refletir sobre fatos e personagens do mundo atual, a interagir com uma intertextualidade.

Uma das exigências do ensino brasileiro é a prática visando criar um elo entre as disciplinas ministradas na escola para o desenvolvimento de novos conhecimentos nos alunos.

Esta pesquisa apresenta uma proposta do uso da charge como valioso recurso didático-pedagógico possível de ser utilizado em sala de aula no decorrer do processo ensino-aprendizagem a partir do ensino fundamental até o superior.

Tal atividade requer a compreensão e interpretação da charge com base nas inferências que o aluno possa realizar de acordo com seu conhecimento de mundo, pode-se dizer que não há compreensão de um texto sem que haja interpretação, sem a influência de um sujeito. Não se esquecendo que o professor deve ter conhecimentos teóricos sobre o conceito de charge, de técnicas de desenho e saber ensinar/orientar isto aos alunos. Pois é nesse momento que ocorre a interdisciplinaridade, pois a charge muito utiliza conhecimentos e especificidades da Arte e da Língua Portuguesa.

Outro aspecto importante na utilização de tais recursos é a sua proximidade com o cotidiano, pois estes são geralmente encontrados em jornais e revistas tratando temas atuais, divertindo e marcando épocas. Além disso, permite que o aluno passe a entender a imagem como discurso, atribuindo-lhe sentidos sociais e ideológicos.

Sabe-se que as valiosas contribuições dos aspectos visuais são bem recebidas pelos alunos. Dessa forma, o professor tem acesso a esse suporte pedagógico para o ensino da História, não só para esta disciplina, mas para outras, tais como: literatura, a língua portuguesa, geografia, entre outras. Buscando levar o alunado a entender a importância do gestual nas charges, da cultura material etc.

Sons, gestos, imagens, diversos e imprevistos, cercam a vida do homem moderno, compondo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes canais, como a televisão, o cinema, a imprensa, o rádio, o telefone, o telégrafo, os cartazes de propaganda, os desenhos, a música e tantos outros.

A presente pesquisa pode servir como um facilitador da integração prática, como subsídio para professores de várias áreas do saber, no sentido de estimular outras competências, capacidades emocionais e cognitivas dos discentes perante as disciplinas cursadas em escolas de nível fundamental e médio.

A UTILIZAÇÃO A CHARGE NA SALA DE AULA

É evidente que existem maneiras interessantes e inteligentes de aprender e que, se desenvolvidas em sala de aula para turmas de qualquer idade ou série, seja qual conteúdo for, podem sem dúvida gerar uma aprendizagem agradável, interessante e principalmente dando ao aluno a possibilidade de utilizar tal conteúdo em outras atividades sejam estas do seu próprio cotidiano ou de outra disciplina.

Em uma sociedade imagética como a nossa, a educação do olhar se faz imprescindível. Um dos lugares privilegiados para a educação do olhar é a escola. E o que vem a ser uma *educação do olhar*? “Essa é uma maneira de ler o mundo. Uma maneira importante, que traz informação, troca, que alarga horizontes e permite a constante ampliação dos níveis de consciência humana” (FURNARI, 2002).

A educação do olhar, dessa forma, propõe uma perspectiva crítica de leitura *por trás da imagem*, o que dizemos, para a leitura da palavra, saber *ler nas entrelinhas*. Mas, não é apenas isso. Na percepção do jornalista e pesquisador Bruno Leal (1996), a idéia do Outro é condição necessária à educação do olhar.

Segundo ele:

Ao trazer para a sala de aula algo que já faz parte do cotidiano das pessoas, o professor tem, dessa forma, condições de educá-las

nessa outra linguagem. A educação para a imagem, nesse caso, passa necessariamente pelo reconhecimento da alteridade, isto é, da diferença de olhar implícita a ela. Afinal, a imagem que o espectador [leitor] recebe é sempre de um outro: de um outro eu, num outro tempo ou espaço, de um outro lugar, de outra cultura, de outras pessoas. Assim, trabalhar a alteridade implícita à imagem significa trabalhar as diferenças existentes na sociedade e no mundo [...] Ver alguma coisa através da TV [ou do impresso] é ver como alguém viu alguma coisa. (LEAL, 1996, p. 23).

Assim, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que orientam o trabalho pedagógico da educação básica, alguns dos elementos do trabalho com a leitura de imagens, como charges e cartuns favorecem aspectos importantes da formação: discutir sobre a imagem permite a compreensão das especificidades de diferentes linguagens, a socialização de opiniões e o confronto de diferentes pontos de vista, desenvolvimento da autonomia moral e intelectual.

Paralelamente à educação do olhar, proporciona-se à educação da escuta atenta, ativa e participativa. Desse modo, a educação da/pela imagem e pela oralidade permite o desenvolvimento da leitura e da expressão também da/pela palavra: cognitivamente, o sujeito aprendiz se apropria da autoria – a expressão de suas idéias alcança também o âmbito da escrita.

A escola não trabalha o ser, o constituir-se leitor e escritor. Espera que as crianças se tornem leitoras e escritoras como resultado de seu ensino. No entanto, a própria prática escolar é a negação da leitura e da escritura como prática dialógica, discursiva, significativa [...] Primeiro, ou concomitantemente, ela [a criança] precisa ocupar o espaço como protagonista, interlocutora, como alguém que fala e assume o seu dizer. (SMOLKA, 1996, p. 93).

Existe um conceito que deve estar muito claro no ensino da charge: há conteúdos que já fazem parte do conhecimento de mundo de alguns e de outros não, pois, o novo para uns pode não ser para outros.

Pode-se dizer, também, que a charge faz parte de um mundo de leitura que desperta a curiosidade e atualiza-se a cada

momento. Ela sempre requer gestos de interpretações diferentes. Nela interagem a leitura sensorial (visão, tato, audição, olfato, gosto ou paladar), a leitura emocional (desejos e preferências como referenciais), a leitura racional (tem a ver com a capacidade de produzir e apreciar a linguagem).

A charge eletrônica é uma realidade, pois na televisão assiste-se, no computador acessa-se e em ambos os casos é diversão garantida. Uma diversão interior que envolve pensamento, sentimento, racionalidade, conhecimento de mundo ao seu redor. O ponto básico está no aprofundamento da leitura no que a charge tem a nos dizer.

Na superficialidade, ela pode perdurar por pouco tempo e corre o risco de ser esquecida. A charge precede a leitura da palavra, vai além, diz a mais, constrói uma visão crítica do meio, trabalham elementos como a ironia, a sátira e a intencionalidade que são maneiras de “ver” o que acontece de certa forma e não de outra, em seu processo de criação.

Quanto a isso Mário Quintana comenta: “O mais difícil, mesmo, é o ato de desler”. A charge é sempre, e a todo o momento, a construção de sentidos, ela trabalha o real e faz parte de um processo de construção que vai além do decifrar de “sinais”, dá margem a interpretações de acordo com as condições de produção e no mundo de leituras de cada leitor, tendo a chance de adentrar em outros universos através delas.

Os avanços tecnológicos nos levam a procurar e utilizar meios cada vez mais para a obtenção de novas informações e a charge é uma forma de linguagem rápida, divertida e acionam conhecimentos diversos, possibilitando também a interação professor/aluno/mundo, demonstrando que, para se ler e entender as charges, é necessário lançar mão de informações e não se restringir apenas ao que se vê de concreto, mas a tudo aquilo que se pode perceber no contexto.

É impossível negar a importância, sempre atual, do ensino de História. Nas palavras do historiador Eric Hobsbawm: “Ser membro da comunidade humana é situar-se com relação a seu passado” passado este que “é uma dimensão permanente da consciência humana, um

componente inevitável das instituições de valores e padrões da sociedade” (HOBBSAWM, 1998). A História é referência. É preciso, portanto, que seja bem ensinada, discutida e bem aprendida.

O ensino de História precisa ser valorizado e para isso é necessário não confundir informação com educação. Para informar temos bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a INTERNET, o homem é bombardeado pela mídia com informações, mas só se transformará em conhecimento quando devidamente organizado, eis aí o papel do professor, que para realizá-lo tem que estar bem preparado, motivado, tem que ser aquele que lê, não só livros, como imagens que nos chega aos borbotões, por todos os sentidos e é ele quem estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural do educando, sua maneira de falar, pensar, seus valores, suas aspirações, tendo claro o quê e como ensinar.

A renovação do ensino de História deve ser trazida constantemente à tona, pois há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para se ter uma aula dinâmica. Multiplicaram-se os retro-projetores, os projetores de *slides* e, posteriormente, os filmes em sala de aula. Mais do que modernizar (o que implica um ar de mera reforma), trata-se de pensar se a mensagem apresenta validade, tenha ela cara nova ou velha.

Os alunos, de modo geral, confundem leitura com a simples decodificação de sinais gráficos, isto é, não estão habituados a encarar a leitura como um processo mais abrangente, que envolve o leitor em um contexto discursivo mais amplo. Talvez isso também se deva ao fato de que a decodificação é mais prática e cômoda para eles, por essa razão, não passam do primeiro momento do processo da leitura.

Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de História que deve ser repensada.

ANÁLISE DE CHARGES

A formação de professores para uma leitura eficaz que

busque identificar estratégias textuais está no foco, de uma educação para a mídia realmente efetiva e que deveria, constituir os temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Conhecer os elementos é mais do que *ler nas entrelinhas*, interpretar e compreender, concernentes às competências de leitora e produtora de texto no contexto escolar.

Isso diz respeito, em um sentido mais abrangente, à leitura de mundo e à construção da autoria do sujeito em formação para a cidadania, evidenciando, como resultados alcançados até então, o favorecimento da construção de um “olhar” crítico para as mídias em geral, especificamente, para a leitura da charge do jornal impresso e do jornalístico noticioso como referência dessa discussão.

O texto chárigo tem acentuada importância como forma de desenvolver a leitura crítica na prática de sala de aula, por ser um tipo textual que faz com que o leitor se depare com uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, veiculadas principalmente através da linguagem não-verbal, cuja interpretação aciona necessariamente um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se instaura a relação discursiva entre o produtor e o receptor.

Nesse diálogo entre comunicação e educação, propõe a concepção de um novo papel para o professor, capaz de atuar em novos contextos, reestruturados segundo novas concepções de usos da língua escrita e das funções da escola no ensino desses usos fazendo do professor o agente de letramento, bem como substituiria ou mesmo complementaria a idéia de mediador, que outorga um papel central ao professor na co-construção do saber.

Na política brasileira é comum a presença de postulantes aos cargos públicos mais importantes do país e do Estado, que aparecem nas charges exibidos através do exagero, sendo transformados pelos chargistas em monstros, animais, tolos, bobos da corte, etc.

PIRANDELLO fala sobre o desenho e a sombra:

“O artista comum cuida do corpo e da sombra, e as vezes mais da sombra do que do corpo; repara em todos os contornos desta sombra,

como ela ora se alonga e ora se alarga, quase fazendo as contrações do corpo que, entretanto, não a calcula e não se preocupa 'É um código, um sistema de signos. Esse código, além da conotação e da denotação, traz o estilo próprio de cada desenhista'.(CAGNIN1975;62) e pode se manter por anos a fio, porém sempre tendo como objetivo suscitar risos, ironia com ela"(PIRANDELLO 1996;170)

Ao analisar o papel de Fernando Henrique Cardoso durante seu segundo governo através das charges do período, podemos observar bem a metamorfose aplicada ao seu personagem pelos chargistas, tornou-se uma "marca" em todos os modelos reproduzidos, dentes salientes, óculos, cabelos bem penteados que foram embranquecendo com o passar dos anos, sendo sempre associados à figura do presidente mudando a narrativa, ora com balões, legendas ou onomatopéias. Que fazem parte das características do desenho chargístico.

Essa análise deve ser feita tomando-se algum cuidado já que como diz CAINELLI e SCHIMID:

"... é necessário que o professor trabalhe as representações dos conceitos espontâneos das crianças e a sua capacidade de defini-los. O aluno aprende um conceito no momento em que sabe usá-los em situações concretas e paulatinamente, vai interiorizando-os a ponto de aplicá-los em outras situações; é a fase da transição do conhecimento concreto para o abstrato ou vice-versa." (CAINELLI e SCHIMID, 1999: 428).

Sendo assim, a intimidade com a informação imagética depende de atitude curiosa, crítica e perseverante. Para isso, ao uso da imagem em aula, deve anteceder uma detalhada pesquisa sobre a sua autoria, informações técnicas de produção, para que público e uso se destinam e em qual contexto foi criada, além da leitura dos elementos formais e simbólicos que a constituem. Podendo dar destaque ao uso de balões, diálogos e das legendas como formadora da imagem

Angeli ao final do mandato de FHC o apresenta como se ele não tomasse conhecimento sobre o que seu mandato neoliberal provocou a população mais carente do Brasil, levando-nos a uma análise da conjuntura do período, através da arte criativa desse renomado chargista.

Figura 1 (em anexo) www.uol.com.br/angeli

Na primeira metade da charge vemos o Brasil do povo, tão cheio de problemas, que no primeiro momento se apresenta quase sem solução, necessidades urgentes como saúde, educação, moradia, emprego, salários justos, enfim uma urgente reforma tributária para o país e uma melhor distribuição de renda; Do outro lado, o direito, ou seja o outro Brasil é apresentado, pelo então presidente FHC iluminado como o salvador, aquele que realiza, que faz sucesso, onde o presidente é aplaudido pelos seus parceiros, ou ainda por aqueles que lucram com a necessidade dos pobres trabalhadores brasileiros apresentados na parte esquerda da charge de Angeli.

O então presidente tinha clara orientação política para mudar a imagem externa do país, freqüentemente veiculada na mídia internacional como uma nação que não apenas tolera e convive com graves violações de direitos humanos, mas cujo governo pouco faz para punir os responsáveis por tais agressões. Mudar essa imagem pode significar melhor inserção no cenário político internacional, maior confiança nos organismos de cooperação internacional e, até mesmo, maior confiança dos investidores externos.

Figura 2 (em anexo) www.uol.com.br/angeli.

Nessa charge o casal presidencial, em uma das salas de sua residência, tomando um café, no conforto da sua sala, FHC conversa com sua esposa Ruth, o chargista faz um paralelo mostrando o conforto e o amplo espaço do Palácio do Planalto, tendo ao fundo favelas, ele utiliza legendas, onde nos remete ao problema de habitação, de infra-estrutura em que vive a população carente brasileira, porém o foco não é a fala do presidente: "Saio do governo sem dever nada a ninguém." E sim o olhar da senhora Ruth Cardoso para fora dos limites desse mundo certinho que o presidente diz que o Brasil tem, e sim apresenta um país carente de infra-estrutura, saneamento básico, moradia, etc.

Pelo menos, os grandes marcos estruturais permaneceram atuantes, ora com maior intensidade, ora com menor. Por isso mesmo o governo FHC, em seu segundo mandato, não enfrentou rigorosamente um terreno desconhecido. É certo, porém, que em alguns momentos o cenário parece ter se agravado, ensejando medidas de maior alcance e efeito. As pressões da opinião pública estiveram sempre fortes e reclamando maior presença do governo federal na resolução de problemas relacionados à aplicação da lei e da ordem. Em não poucas oportunidades, o chefe do poder Executivo teve de manifestar-se acerca de problemas de segurança pública que, via de regra, apenas ocupam a atenção de secretários nacionais ou, nos quadros mais graves, ensejam o pronunciamento do ministro da Justiça.

Figura 3 (em anexo) www.uol.com.br/angeli.

Os resultados obtidos como respostas a essas questões foram bastante satisfatórios. Os alunos reconheceram os personagens representados sobre o palco como governantes de países pobre (já que compreenderam que o troféu oferecido era uma homenagem ao desemprego). A multidão de pessoas diante do palco também foi facilmente descrita pelos alunos como pessoas que estavam em uma situação de miséria. O troféu também foi compreendido e descrito como um trabalhador com uma marca de sapato nas costas, numa referência ao fato de ter sido “chutado” para fora do emprego.

Figura 4 (em anexo) www.uol.com.br/angeli

Por certo, esse julgamento fez com que o governo FHC, no final do seu primeiro mandato, não alterasse sua diretriz geral desenhada para o segundo mandato, qual seja, ampliar e melhorar a capacidade das agências governamentais de aplicar lei e ordem, ampliar a proteção dos direitos humanos para o conjunto dos brasileiros e exercer controle mais eficaz sobre o crime organizado, em especial das atividades do narcotráfico em suas conexões com as rotas internacionais e com os

centros de produção e de distribuição de drogas.

Figura 5 (em anexo) www.uol.com.br/angeli.

O mesmo chargista apresenta o presidente FHC, em um outro momento, porém como se fosse uma seqüência da anterior, com sua faixa presidencial coberta de contas a pagar, como a nos dizer: essa é a herança a ser herdada junto com o cargo, pelo futuro presidente que representará a vontade da maioria do povo brasileiro nas próximas eleições , já que o então presidente não mais pode concorrer.

Figura 6 (em anexo) www.uol.com.br/angeli

Angeli na sua criatividade apresenta o mesmo Palácio, agora na penumbra, no encerrar do dia/ou altas horas da madrugada, solitariamente, rememorando fatos históricos passados, outras cartas escritas, outros líderes, ditadores, enfim “saio da vida para entrar para a história”, uma crítica ao que supostamente no final do seu mandato ele deixa de despedida, isto é no apagar das luzes, FHC escreve ao povo brasileiro: “Adeus, Terceiro Mundo cruel! Parto à Paris”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar a apresentação dos resultados dessa proposta, é necessário deixar claro que só foi possível a sua realização por contar com o apoio da Direção, Equipe Pedagógica, que deu liberdade para utilização do laboratório de informática, instalado no Colégio Estadual Carlos Gomes, da assistência da Equipe do CRTE do NRE de Ibaiti, pois a acessoria dispensada viabilizou os resultados do Material Didático produzido, isto é CD-ROM com coletânea de charges do período e de outros, pesquisados e produzidos pelos alunos.

A análise inicialmente focou os seguintes dados de cada charge: data de publicação; descrição; número de quadros; balões; textos;

autor, etc., seguida de estratégias utilizadas na composição das mesmas, apontando o enfoque que está sendo dado pelo autor ao desenhar o momento histórico brasileiro.

A escola tem priorizado a leitura de textos verbais em detrimento dos não-verbais. Entretanto, trabalhar com textos não-verbais na escola é criar situações estimuladoras de leitura, o que auxilia a escola no cumprimento de sua função primordial: formar o leitor competente.

Partindo-se do princípio de que a leitura é um dos meios pelo qual o indivíduo apreende o mundo à sua volta e todas as formas de conhecimento nele produzidas, a charge pode se constituir num instrumento eficaz para o professor atingir os objetivos propostos em relação à leitura, pois vai além da mera decodificação, envolvendo a reflexão e transformação de significados, imprescindíveis para a realização de uma leitura crítica, fundamental para a integração do indivíduo ao seu contexto sócio-econômico e cultural.

Os tempos mudaram. Há uma explosão de informações, cujo acesso é facilitado pelos diversos meios de comunicação. Apesar disso, as pessoas ainda são manipuladas em decorrência do pouco conhecimento que possui a respeito da realidade dos fatos, o que ocorre em parte pela falta de domínio de leitura, pois raras são as pessoas que conseguem ler criticamente, característica de uma elite que é preparada para isso desde os primeiros contatos com o mundo da escrita.

A hipótese que fundamentou a pesquisa foi a de que boa parte dos alunos não consegue produzir efeito de sentido para o gênero charge, pois, fazer atividades de leitura e compreensão desse gênero, especialmente, pode ser difícil, porque requer conhecimento prévio e estratégias de leitura que os alunos podem ainda não possuir.

É muito comum os professores afirmarem que seus alunos não gostam ou não sabem ler charges. Mas como vão alcançar essa competência, se as atividades de leitura costumam ser desenvolvidas na escola como práticas nas quais a decodificação é maior do que o comprometimento com o sentido do texto? Não são levados em consideração os saberes anteriormente adquiridos pelo aluno, seu

conhecimento de mundo? Ou mesmo o contexto histórico a qual a charge em questão faz parte?

A intimidade com a informação imagética depende de atitude curiosa, crítica e perseverante. Para isso, ao uso da imagem em aula, deve anteceder uma detalhada pesquisa sobre a sua autoria, informações técnicas de produção, para que público e uso se destinam e em qual contexto foi criada, além da leitura dos elementos formais e simbólicos que a constituem.

Sendo assim, este trabalho buscou, através da leitura de charges verificar se a escola tem o leitor crítico, capaz de ler não apenas o que está explícito, mas também aquilo que não se explicita na superfície do texto.

Como os alunos constataram o período de 1999 a 2003 foram marcados por um alto índice de desemprego. A partir daí passamos a analisar alguns fatos históricos do período que pudessem explicar a alta taxa de desemprego: Valorização artificial do Real, privatizações, juros altos, empréstimos ao FMI para pagamento da dívida externa, queda nas exportações e aumento das importações, crise financeira internacional e conseqüente desvalorização do real, etc. Todos esses fatos foram abordados como possíveis fatores que contribuíram para o desemprego no período.

De maneira geral, os alunos avaliaram que o Segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso o maior problema enfrentado foi a do desemprego, que está entre os grandes problemas do mundo contemporâneo e puderam identificar os momentos em que esse problema se agravou e de forma bastante descontraída fechamos o conteúdo com reflexões importantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CHARGES UTILIZADAS

www.uol.com.br/angeli. Acessado no mês de julho de 2007 contendo coletâneas de charges do período FHC, em questão e outros assuntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy A. Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da Arte no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003

BARBOSA, Ana Mãe (Org). Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BERGSON, H. in. NERY, João Elias. O Riso. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BITTENCOURT, Circe (Org). O Saber Histórico na sala de Aula: Repensando o Ensino. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____ Ensino da História Fundamental e Métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BRAIT, Beth. Bakhtin; conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

BURKE, Peter (Org). A escrita da História: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAMPOS, E.N.; CURY, M. Z. F. Fontes primárias: saberes em movimento. Revista da Faculdade de Educação da USP [on-line] Jan./Dez. 1997, vol. 23. no. 1-2.

CARUSO, Chico. Era uma vez FH. O Humor da História do Brasil de 1994 a 2002. São Paulo: Devir, 2002.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Linguagem & comunicação social; visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

CUNHA, Celso. Nova gramática do português contemporâneo, 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DINIZ, Ernani Lucas. Entrevista para Memória da imprensa carioca 16 de maio e 1º. De agosto de 2002, [on-line] www.uerj.br/~cte/download/nani.pdf

FIOREN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 1990

HOBBSAWM, Eric J. Sobre História. Trad. Cid Knipel Moreira, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

25551997000100016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 mai. 2007.

IQUE. 100 vezes Ique no Estadão/Coordenação: Marketing de Circulação do Estadão/ Apresentação :Aluízio Maranhão/ São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997

KAMAL Leandro. História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2000.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Zizek, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org. e revisão técnica). Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação. Tradução do espanhol: Sandra Valenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCK, Heloísa. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. Introdução à supervisão escolar. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1981.

MEURER, José Luiz, MOTTA-ROTH Désirée (Org), Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MORETTI, 2004 Artigos sobre quadrinhos: 1996 a 2000. São Bernardo do Campo, 12 de maio 2004. [on-line] www.ccqhumor.com.br

NERY, João Elias. Charge e Caricatura na Construção de Imagens Públicas. São Paulo: PUC 1998.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. 6ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – História. Curitiba: SEED, 2006.

PRETTI, Dino. Sociolinguística: Os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 2003.

PROPP, Vladimir. In NERY, J.E. Comicidade e riso . São Paulo: Ática, 1992.

RIBEIRO, Manuel P. Nova gramática aplicada da língua portuguesa, 13ª ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene R. (orgs.). III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1995.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar História: Pensamento e Ação no Magistério São Paulo: Scipione, 2004.

SIMAN, Lana Mara C. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo A. & Outros (orgs.). Ensino de História e Educação. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. Linguagem e pensamento. São Paulo: M. Fontes, 1984.

www.educacional.com.br, 2007

www.logoshp.hpg.ig.com.br/SEldic5.htm. Glossário de termos gramaticais, filosóficos e teológicos, 2007.

ANEXOS



Figura 1 www.uol.com.br/angeli

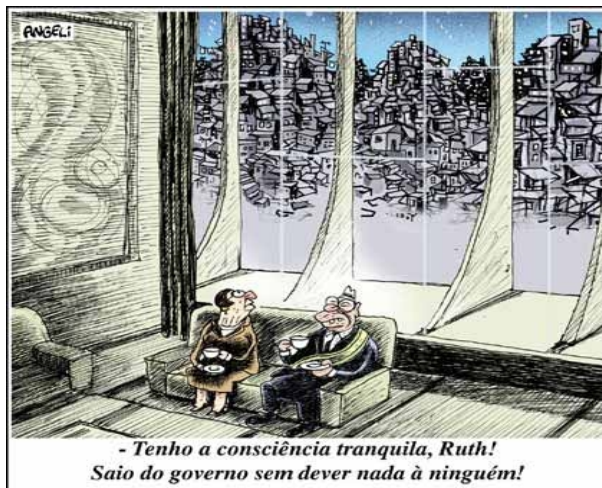


Figura 2 www.uol.com.br/angeli



Figura 3 www.uol.com.br/angeli

